

■ DOSSIÊ - TRADUÇÕES

■ Base biológica do afeto*¹

 Lev Semionovitch Vigotski (1930)

O renomado psicólogo americano **James**^{**2}, no seu tempo, mudou radicalmente a visão sobre as emoções e os afetos³. Frequentemente, imaginava-se que a pessoa⁴ vivencia⁵ este ou aquele sentimento, e **por causa** disso, ocorrem certas alterações corporais, que são geralmente chamadas de movimentos expressivos.

Em contraste com tal visão estabelecida, James formulou então seu pensamento: “Habitualmente se diz que choramos porque nos sentimos desolados; atacamos porque nos sentimos zangados; trememos porque temos medo. De fato, deve-se dizer que: sentimos-nos desolados porque choramos, zangados porque atacamos, temos medo porque trememos”⁶.

Assim, o que se considerava como causa, revela-se uma consequência – e vice-versa. Segundo a teoria de James, este ou aquele acontecimento ou fenômeno provoca em nós toda uma série de alterações corporais reflexas (involuntárias) e uma imagem de todas **essas** alterações corporais na consciência da pessoa. E com isso apresenta-se, em sua vivência⁷, o que denominamos **emoção, ou sentimento**.

Em lugar algum essa teoria da reação emocional encontra tão forte confirmação quanto no campo dos afetos, ou seja, das emoções turbulentas, intensas, bruscamente expressas, relacionadas frequentemente com interesses vitais do indivíduo. Estes afetos, relacionados com vivências extremamente intensas e vivas, apresentam as mesmas raízes biológicas ancestrais de nossos sentimentos atuais.

“Medo, raiva, dor e tormentos da fome, — diz Cannon⁸ — apresentam os mesmos sentimentos elementares, que igualmente são próprios tanto ao humano quanto a outros animais. Esses sentimentos, com toda certeza, referem-se aos mais poderosos fatores determinantes do comportamento do ser humano e dos outros animais. Eis o porquê de ser fundamental o seu estudo, no qual se consegue edificar a ciência do comportamento do animal e do humano”⁹.

O estudo desses afetos mostra como funciona aquele mecanismo do afeto, sobre o qual falou James. Já há muito tempo, se percebeu que as raízes biológicas desses afetos são os instintos vitais básicos dos animais e, em particular, o instinto

de autopreservação em suas formas defensivas e ofensivas. Por isso também **Darwin**¹⁰ manifestou esse pensamento de que movimentos expressivos durante os afetos são objetivamente dispositivos úteis, produzidos no processo de evolução biológica dos animais.

Recentemente, investigações de Cannon e seus colaboradores lançaram uma nova luz às profundas alterações que ocorrem no organismo com esses afetos elementares. Consideradas em seu aspecto biológico, essas alterações corporais com os afetos revelam-se objetivamente úteis, como também todos os outros dispositivos reflexos produzidos no processo de evolução biológica. Essas investigações mostraram que, em momento de estimulação emocional, glândulas endócrinas, em particular as suprarrenais, secretam substâncias químicas no sangue, as quais produzem no organismo uma série de alterações.

Assim, em uma excitação emocional intensa registra-se uma elevação do nível de açúcar no sangue. A utilidade biológica que Cannon vê nisso é a de que o açúcar é fonte de energia muscular. “Há base para supor — diz ele — que o trabalho muscular se realiza principalmente por conta da energia do açúcar e que a elevação do nível de açúcar no sangue intensifica consideravelmente a capacidade dos músculos para o trabalho prolongado”.

Ao mesmo tempo, é sabido que nas condições naturais, em que vive o animal, seguindo as emoções de medo e raiva frequentemente ocorre uma intensa atividade do organismo (fuga ou luta), a qual requer prolongado e intensivo esforço de grandes grupos musculares. A mobilização de açúcar no sangue pode prestar um importante serviço aos músculos ativados. Observações de muitos autores corroboram isso, dentre as quais também as de Darwin, quanto a que a dor provoca intensa atividade muscular.

Como, ademais, estabeleceram os experimentos, a excitação emocional também eleva o nível de adrenalina no sangue, a qual secreta-se pelas glândulas suprarrenais. A adrenalina, aparentemente, é um antídoto para a fadiga muscular. E, portanto, se ela é secretada com a dor, o medo e a raiva, pode

* Tradução do russo, por Elena Anoshina [Елена Аношина] e revisão técnica por Achilles Delari Junior. — N.E.B. (Nota da edição brasileira)

** Serão preservados todos os grifos em negrito presentes na fonte russa utilizada para esta tradução. — N.E.B.

intensificar a influência do sistema nervoso sobre os músculos e contribuir para máximo trabalho dos músculos. O papel da adrenalina nos afetos não se restringe a isso. “Sob influência da adrenalina — diz Cannon — ocorrem alterações no suprimento sanguíneo dos órgãos. O sangue é bombeado pelo coração em maior quantidade, os músculos ganham a possibilidade de contraírem-se mais rápida e vigorosamente, a adrenalina provoca deslocamento de sangue das vísceras abdominais aos órgãos, no trabalho dos quais o organismo põe à prova necessidades a parte: no sistema nervoso central, pulmões, coração e na musculatura esquelética ativada”.

Mas isso não é suficiente. A necessidade de ataque ou de fuga requer suprimento abundante de oxigênio para os músculos ativados e rápida eliminação de gás carbônico do corpo. Como sabemos, nos afetos ocorre uma forte alteração na respiração, que também favorece o aumento da tensão muscular. E isso, além do mais, visivelmente, está relacionado à influência da adrenalina. “Essa circunstância — diz Cannon — pode servir como indicação do importante papel da adrenalina no organismo. Quando uma luta feroz requer um suprimento abundante de oxigênio ao corpo e rápida eliminação de gás carbônico, a assinalada ação da adrenalina torna o organismo mais resistente. Finalmente, o surgimento com isso de uma coagulação mais rápida do sangue, que previne hemorragia abundante num ferimento, também se deve considerar consequência da influência da secreção de adrenalina”.

Eis porque um afeto, ou seja, uma emoção intensa e arrebatada, frequentemente conduz a uma arrebatada manifestação de força. Darwin citou muitos exemplos como evidência da natureza estimulante da raiva. Existem muitos relatos a respeito de como um estado de afeto incita uma força, frequentemente inacessível, em tal medida, na vida normal de um indivíduo.

Resta-nos apontar, ainda, para mais uma característica dessas alterações corporais, que acompanham o afeto. Essa característica consiste em que, mesmo com distintos aspectos psicológicos dos afetos, são geradas alterações corporais análogas. Se nós quisermos encontrar características que distinguem vários afetos, por exemplo, medo, raiva, dor, então devemos procurar tais distinções, pela expressão de Cannon, “em qualquer lugar, mas não nos órgãos internos”. “Existem fatos — diz ele,

além disso — que mostram convincentemente porque alterações corporais junto ao medo ou à raiva não devem ser distintas, mas, ao contrário, semelhantes”. Como já se assinalou, os afetos são acompanhados da preparação do organismo para a atividade. E as mesmas razões e condições que causam os afetos, frequentemente incluem as condições da vida natural do animal para a fuga ou a resistência, as quais exigem do animal um esforço extremo. Eis porque, em cada uma dessas reações, as necessidades do organismo são as mesmas. É indiferente se o animal vivencia¹¹ medo ou raiva, se ele se prepara para fugir ou atacar, demanda-se uma intensificação do trabalho muscular. Consequentemente, mesmo emoções distintas podem e devem ter raízes biológicas comuns. “Não vamos, como James — diz Cannon — afirmar que nós estamos tristes porque choramos. Mas nós choramos de tristeza ou de alegria, de raiva intensa ou por um sentimento de ternura. Em outras palavras, muitos estados emocionais variados podem ser acompanhados pela mesma expressão externa, o choro, nesse caso”.

Portanto, investigações aprofundadas levam Cannon à conclusão (que neste caso coincide com o parecer do renomado fisiologista inglês **Sherrington**¹²) de que a reação dos órgãos internos tem um papel insignificante no complexo emocional, especialmente no sentido da identificação da natureza das emoções. Sendo assim, como revelam as investigações de Cannon, entre os afetos e sua expressão corporal existe **relação consideravelmente mais profunda que aquela pressuposta por James**. Conclui-se que a posição de James é apenas parcialmente verdadeira.

No próprio corpo, emoções muito variadas têm raízes biológicas comuns, base biológica comum. E, consequentemente, estabelecer juízo sobre as emoções, **em sua forma desenvolvida**, apenas segundo essas raízes, apenas segundo essa base, e ver nelas o autêntico núcleo das emoções do ser humano, significa incorrer em erro. Pois, como vimos, estas raízes são estreitamente ligadas com tipos biológicos ancestrais de afetos. E emoções humanas contemporâneas, altamente diferenciadas, passam longe dessas raízes biológicas primárias¹³.

Eis porque — para a surpresa de muitos autores, que viam nas primeiras investigações de Cannon uma confirmação da teoria de James — Cannon, em tempos recentes, interveio **com uma refutação experimental dessa teoria**. ■

Notas da revisão técnica

¹ Texto traduzido de: “Vigotski, L. S. Biologuitcheskaja osnova affekta. (Otvét na voprosy gruppi titatelei). In: **Khotchu vsio znat'** [Quero saber tudo]. Izd-vo TsKVKP (b) 'PRAVDA' [Editora do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética (bolchevique) 'VERDADE']. Nº 15-16. Agosto 1930. p. 480-481.” Trata-se de publicação em periódico não acadêmico, dirigido ao público soviético em geral. Seu subtítulo entre parênteses, “Resposta à pergunta de grupo de leitores”, indica que havia espaço para envio de cartas dos mesmos à revista, levantando questões para os colaboradores. As elaborações aqui apresentadas por Vigotski serão retomadas na monografia *Teoria das emoções. Uma investigação histórico-psicológica*, concluída cerca de três anos depois (VIGOTSKI; 1931-33/1984; VYGOTSKY 1931-33/1999). Temos aqui um texto conciso e introdutório, mas que permite uma visão clara e coerente do posicionamento do autor frente à temática já nesse momento histórico. Podendo nos proporcionar incentivo a novas leituras, que nos auxiliem a conceber o desenvolvimento do psiquismo propriamente humano sob os princípios do “monismo psicofísico” (VIGOTSKI, 1931-33/2017, p. 269; VYGOTSKY, 1931-33/2018, p. 221) e da “unidade afeto e intelecto” (BIRNBAUM, SAMUKHIN e VIGOTSKI, 1934, p. 135). Ambos essenciais na teorização do psicólogo bielorrusso.

² William James (1842–1910), filósofo e psicólogo americano.

³ Não há, nesse texto, clara distinção entre “emoção”, “afeto” e “sentimento”. Exceto no quarto parágrafo, quando o autor diz: “no campo dos afetos, ou seja, das emoções turbulentas, intensas, bruscamente expressas, relacionadas frequentemente com interesses vitais do indivíduo”. E no décimo segundo: “um afeto, ou seja, uma emoção intensa e arrebatada”. O que nos dá a entender que, se

há emoções mais turbulentas e intensas que se denomina “afetos”, pode haver aquelas menos intensas e arrebatadas, quicá denominadas “sentimentos”. Mas isso não está categoricamente definido. Para todas as vezes em que, na fonte russa, aparecem os termos “эмоция” [emotsiia], “аффект” [affekt] e “чувство” [tchuvstvo], aqui são rigorosamente traduzidos, respectivamente, por “emoção”, “afeto” e “sentimento”.

⁴ Em russo: “человек” [tchelovek] – substantivo masculino singular. Porém se refere ao ser humano, independente de gênero. “Ser humano do gênero masculino” se diz “мужчина” [mujitchina]. Assim, optamos por não traduzir por “homem”, mas por “pessoa”, “ser humano”, ou apenas “humano”.

⁵ Em russo “переживает” [perejivaet], terceira pessoa singular do verbo “переживать” [perejivat'] – do qual deriva o substantivo “переживание” [perejivanie]. Este, por sua vez, tem sido usualmente traduzido no Brasil, em textos psicológicos, como “vivência” (e.g. VIGOTSKI, 1933-34/2010; 1933-34/2018). Assim, manteremos também o verbo como “vivenciar”, embora existam outras acepções possíveis, como “emocionar-se; afligir-se, preocupar-se; viver, sentir” (LAZAREV, 2007/2019, p. única).

⁶ Vigotski não apresenta referência para as citações literais que faz neste texto. Não nos foi possível identificar de qual obra de James foi extraída essa citação.

⁷ Aqui, “vivência” é tradução pela qual optamos para a palavra russa “переживание” [perejivanie], termo com muitas acepções possíveis. Para todos os fins, sempre que o leitor se deparar com “vivência” em português, neste texto, estará como tradução de “переживание” [perejivanie]. Tal como nas principais traduções mais recentes de obras de Vigotski ao português em nosso país (e.g. VIGOTSKI, 1933-34/2010; 1933-34/2018).

⁸ Walter Bradford Cannon (1871–1945), fisiologista americano.

⁹ Embora Vigotski não forneça referências nesse texto, ao que tudo indica, refere-se aqui e nas citações subsequentes ao livro “Bodily changes in pain, hunger, fear and rage” (CANNON, 1922). Contudo, a comparação nos mostra que o psicólogo soviético, ou a edição russa à qual ele tenha recorrido, não traduz tais passagens de modo literal.

¹⁰ Charles Robert Darwin (1809–1882), naturalista, geólogo e biólogo britânico.

¹¹ Como indicado na nota “2”, trata-se do verbo “переживать” [perejivat'] na terceira pessoa do singular, “переживает” [perejivaet]: “emociona-se; aflige-se, preocupa-se, vive, sente, etc.”. Nota-se que, nesse momento, o verbo não indica processo propriamente humano. O que talvez impedisse traduzir por “vivência” – terceira pessoa singular de “vivenciar”. Porém, a rigor, a consciência humana, não se define como simples “vivência”, mas como “vivência de vivências” (VIGOTSKI, 1925, p. 187; VIGOTSKI, 1925/1991, p. 50). Processo duplicado, reflexivo, que não se coloca no presente texto como possível para outros animais além do humano. Sendo assim, manteremos “vivenciar” como tradução de “переживать” [perejivat'], para explicitar uma contradição teórica implícita a esta terminologia e marcar a necessidade de avanço em sua elaboração conceitual. O que passaria despercebido se não indicássemos a relação entre o substantivo neutro “переживание” [perejivanie] e o verbo “переживать” [perejivat'], em língua russa.

¹² Charles Scott Sherrington (1857–1952) histologista, microbiologista e patologista britânico.

¹³ A existência de bases biológicas comuns para todos os afetos contrasta com o caráter irredutível da diversidade dos mesmos a estas bases, na vida concreta - multideterminada. Isso nos conduz à busca de melhor tratamento teórico para, pelo menos, duas questões. A primeira diz respeito a que os aspectos propriamente humanos de nossas emoções implicam “consciência”, “cultura”, “ideologia”, “história” e “personalidade”. Quanto a isso, são de particular interesse os elogios a Joseph François Chabrier, autor de *Les émotions et les états organiques* (CHABRIER, 1911). Os quais se encontram na seção 18 de “Teoria das emoções” (VIGOTSKI, 1931-33/1982, p. 279, 280, 284; VIGOTSKI, 1931-33/1999, p. 206, 207, 210). A segunda diz respeito a que, justo por tal especificidade, o ser humano mais desenvolvido não é aquele no qual a vida emocional tende a deixar de existir. Quanto a isso, é de particular interesse a crítica a Théodule-Armand Ribot, para quem nossas emoções seriam apenas um vestígio de uma herança biológica que tende a desaparecer, como se fosse uma “tribo agonizante” (VIGOTSKI, 1932/1982, p. 417, 421, 429; 1932/1998, p. 81, 86, 97).

Referências

- BIRNBAUM, G. B.; SAMUKHIN, N. B.; VIGOTSKI, L. S. K voprosu o dementsii pri bolezni Pika. In: **Sov. Nevropatologuiia, psikiatriia, psikhoguguiena**. 1934. T. 3. Vip. 6. p. 97-136.
- CANNON, W. B. **Bodily changes in pain, hunger, fear and rage**. An account of recent researches into the function of emotional excitement. New York; London: D. Appleton and Company, 1922. 311 p.
- CHABRIER, J. F. **Les émotions et les états organiques**. Paris: F. Alcan, 1911. 157 p.
- LAZAREV, A.V. The Comprehensive Portuguese-Russian Dictionary Universal (Pt-Ru) 115.000 entries. In: ABBYY. **Lingvo European Electronic Dictionary**. Version 1.11.1. Russia. 2007/2019.
- VIGOTSKI, L. S. Soznanie kak problema psikhologuii povedeniia. In: KORNILOV, K. N. (ed.) **Psikhologuiia i marksizm**. Leningrad; Moskva: Gosudarstvennoe Izdatel'stvo, 1925, p. 175-198.
- VIGOTSKI, L. S. Lektsiia 4. Emotsii i ikh razvitie v detskom vozraste. In: VIGOTSKI, L. S. **Sobranie sotchinenii v shesti tomakh**. Tom vtoroi. Problemi obshshei psikhologuii. Moskva: Pedagogika, 1932/1982, p. 416-436.

- VIGOTSKI, L. S. Conferência 4. As emoções e seu desenvolvimento na infância. In: VIGOTSKI, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1932/1998, p. 79-106.
- VIGOTSKI, L. S. [Affekt: edinstvo psikhicheskogo i fizicheskogo] In: VIGOTSKI, L. S. **Zapisnie knijki L. S. Vigotskogo**: izbrannoe. Moskva: Kanon+, 1931-33/2017, p. 267-271.
- VIGOTSKI, L. S. Utchenie ob emotsiakh. Istoriko-psikhologuicheskoe issledovanie. In: VIGOTSKI, L. S. **Sobranie sochinenii v shesti tomakh**. Tom shestoi. Nauchnoe nasledstvo. Moskva: Pedagogika, 1931-33/1984, p. 91-318.
- VIGOTSKI, L. S. Quarta aula: a questão do meio na pedologia. In: **Psicologia USP**, São Paulo, 21 (4), 1933-34/2010, p. 681-701.
- VIGOTSKI, L. S. Quarta aula. O problema do meio na pedologia. In: VIGOTSKI, L. S. **Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia**. Rio de Janeiro: E-papers, 1933-34/2018, p. 73-92.
- VYGOTSKI, L. S. La conciencia como problema de la psicología del comportamiento. In: VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Tomo I. Madrid: Vysor Aprendizaje y Ministerio de Cultura y Ciencia, 1925/1991, p. 39-60.
- VYGOTSKY, L. S. The teaching about emotions. Historical-psychological studies. In: VYGOTSKY, L. S. **The collected works of L. S. Vygotsky**. Volume 6. Scientific legacy. New York: Plenum Publishers, 1931-33/1999, p. 71-235.
- VYGOTSKY, L. S. [The affect: the unity of the mental and physical] In: VYGOTSKY, L. S. **Vygotsky's notebooks**: a selection. Singapore: Springer, 1931-33/2018, p. 219-222.